

“ORA ET LABORA”: TRABALHOS MANUAIS, IDEAL DE HUMILDADE E IGUALDADE SOCIAL EM VIDA DE SANTA MACRINA

Ruben Ryan Oliveira*

Resumo:

Esse artigo tem por objetivo apresentar discussões resumidas sobre as representações cristãs, dando ênfase na construção do ideal de ascese e nas práticas a ele associado. Dentre as várias práticas ligadas ao ascetismo cristão dos séculos IV e V, os trabalhos manuais podem ser destacados, devido a ênfase proposta em muitos tratados e cartas, consecutivamente obras variadas trataram desse assunto, mesmo que não diretamente, inclusive biografias. Nesse caso, a partir de uma análise criteriosa, percebendo as repetições de expressões e palavras ao longo do texto, foi estudado como esse elemento foi apresentado na biografia Vida de Santa Macrina, escrita por Gregório de Nissa, em 383. É objetivo deste trabalho mostrar a importância desse elemento, trabalhos manuais, para a construção de modelos de condutas, que reverberou nas ordens e leis monásticas medievais.

Palavras-chave: Trabalhos Manuais. Ascetismo. Cristianismo. Antiguidade Tardia

Abstract:

This article has the objective of present resumid discussion about the christians representations, emphasizing on construction of the asceticism ideal and on the practices to him associated. Among others practices connected to the christian asceticism from the century IV and V, the manual labor could be distinguished, due to the emphasizing made by a lot of treaties and latters, consecutively various work. In this case, based in a careful analysis, remarking the repetitions of expressions and words in the text, was studied how this element was presented on the biography Life of Saint Macrina, written by Gregory of Nissa, in 383. Is objective of this work shows the importance of this element, manual labor, to the construction of conduct models, which reverberated on orders and laws in medieval monasteries.

Keywords: Manual Labor. Ascetism. Christianity. Late Antiquity

Recebido:31/12/2018

Avaliado:14/02/2019

* Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Membro do Grupo de Pesquisa: Cultura Escrita e Oralidade na Antiguidade e no Medievo – ARCHEA/MAHIS-UECE. Trabalha na Coordenação de Patrimônio Histórico-Cultural da Secretaria Municipal da Cultura de Fortaleza.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

“Ora et labora”, de acordo com Eugênio Marotta, seria a base das normas de vida da comunidade de Anesi¹. A expressão ficou conhecida nas famosas Regras Monásticas de São Bento, no século VI. Apesar do distanciamento temporal dos escritos de Gregório, autor analisado neste artigo, a intenção do tradutor e comentador italiano era apenas destacar a importância do “trabalho” no pensamento monástico de Basílio e Gregório, mesmo antes da expressão se popularizar. Andrew Dinan², confirma essa proposta quando este afirma as práticas ascéticas orientais, que por sua vez teve base nos ensinamentos monásticos de Basílio, irmão e “mestre” de Gregório, influenciaram decisivamente as regras de Bento, as quais foram muito difundidas na Europa medieval ocidental. Ambos são importantes líderes cristãos da região da Ásia Menor, atual Turquia. Foram ávidos defensores das teorias nicenas em meio a uma série de “seitas” cristãs, seus principais inimigos eram os arianos³. Como forma de manter sua autoridade dentro da Igreja, ambos foram produtores de incontáveis tratados, homilias, cartas, e tantos outros textos. Dessa forma se tornaram referência, não apenas para os cristãos da Ásia Menor, mas de grande parte do Império Romano.

A comunidade de Anesi acima apresentada foi fundada por Macrina, uma virgem cristã, santa da Igreja Católica Apostólica Romana, mas principalmente conhecida na Igreja Ortodoxa oriental. Esta virgem foi representada em uma biografia, produzida por seu irmão o bispo Gregório de Nissa. Ambos pertenciam uma importante família da Capadócia, cujo vários de seus membros compuseram altos cargos na hierarquia eclesiástica da Ásia Menor, a exemplo de Basílio de Cesareia, irmão deles que exerceu grande influência no pensamento cristão, principalmente enquanto bispo de Cesareia.

A obra *Vida de Santa Macrina*⁴, é uma biografia que, de forma geral, tentava apresentar a jovens cristãs um modelo de conduta e que tinha por intenção atraí-las a se juntarem ao sector das virgens consagradas, tanto da comunidade de Anesi, como de outros mosteiros.

Por se tratar de uma biografia, nos moldes das biografias filosóficas, e com características que iriam se popularizar nas hagiografias medievais, essas obras traziam em seus moldes, a representação não apenas de um indivíduo, mas sim uma verdadeira construção de modelos de conduta. A representação, nesse caso, não

¹ O autor dedica um tópico de sua introdução da publicação para o assunto, e intitula com a famosa frase.

² DINAN, Andrew. Manual Labor in the life and Thought of St. Basil the Great. *Logos: a Journal of Catholic Thought and Culture*, v. 12, p. 133-157, 2009.

³ O Arianismo é fruto das ideias do Ário, presbítero de Alexandria, o qual, dentre outras coisas discordava da teoria de que Cristo além de ser Filho era um só com Deus Pai. Para este bispo, Cristo era uma criatura de Deus, a mais importante criação, mas não compartilhava da mesma natureza dele, mesma substância.

⁴ A partir daqui utilizaremos a sigla VSM.

necessariamente correspondia o real, mas de certa forma, tinha a intenção de substituir este a fim de cumprir seu propósito, educar os leitores a uma mudança de comportamento a partir do exemplo dos personagens. No caso de VSM não só a representação de Macrina, mas a de vários outros indivíduos relacionados a ela, mostravam valores quistos pela comunidade cristã, como uma forma de exemplificar esses valores trazendo modelos para os cristãos. Dentro dos vários valores apresentados às comunidades monásticas e ao público cristão em geral estavam as exigências dos trabalhos manuais, pois eles refletiam, em parte, as características dos ascetas. Para eles eram uma forma de purificação dos de determinados comportamentos dos homens e mulheres.

Para a análise do texto VSM, assim como muitos textos cristãos, discutirmos sobre o conceito de ascetismo foi primordial, pois ao entendê-lo foi possível aperfeiçoar o nosso olhar sobre o objeto aqui analisado, a saber, as representações do feminino em um contexto onde as noções de santidade e sagrado estavam sofrendo alterações em suas percepções pelos grupos cristãos, que dessa forma influenciam na produção da representação de mulheres modelos, ditas santas, e assim podemos entender o uso e necessidade de muitas das representações, femininas e masculinas, propostas nesta obra dentro de seu contexto e intencionalidades.

O ascetismo nada mais é do que uma forma do cuidado do corpo e da alma, especificamente “o cuidado de si”, nas palavras de Foucault, ou melhor, a “prática de si”, que era utilizada como um dos caminhos para alcançar uma elevação espiritual, por cristãos ou não. Nesse sentido Wanzeler define o cuidado de si como um fundamento da ideia grega das ações que os próprios seres humanos adotam com fins de modificações, purificações e até de transfigurações, enfim “um conjunto de preceitos e práticas que funcionavam como exercícios, definindo os destinos na história da cultura, da filosofia, da moral e da espiritualidade ocidentais”.⁵

O cuidado de si (*epimeleia heautou*), foi uma prática muito difundida na Antiguidade, muito anterior ao ascetismo cristão, principalmente por meio de filósofos, por exemplo Sócrates em sua famosa expressão “conhece-te a ti mesmo” (*gnôthi seautón*) que tinha por intenção evidenciar que o filósofo deveria conhecer-se a si próprio primeiro para então cuidar-se de si. Sua difusão influenciou até mesmo os escritores cristãos, principalmente por conta do constante contato destes com os textos

⁵ WANZELER, M. C. C. *O Cuidado de Si em Michel Foucault*. 2011. 127 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal da Paraíba - UFPB, 2011, p. 10-11.

filosóficos, inclusive Gregório de Nissa. Essa aproximação cristã a essa noção de cuidado de si, se deu mais como uma apropriação, e por meio dela os cristãos puderam produzir novas práticas e filosofias que tinham como o foco o cuidado de si, não com intuito de uma elevação filosófica, mas de ascensão espiritual.

Primordialmente a ascese na antiguidade não tinha a conotação de renúncia de si, tinha o objetivo de constituição de uma relação plena e completa de si a si. Tratava-se de o indivíduo que se equipa espiritualmente e se prepara para enfrentar as situações imprevisíveis do futuro. Essa preparação, ou equipamento (*paraskeuê*) do indivíduo, era constituída pela incorporação os discursos verdadeiros. O indivíduo munido com a verdade estaria apto a enfrentar as dificuldades da vida. Para os estoicos a subjetivação da verdade se dava por técnicas e práticas relacionadas a escuta, leitura e escrita e era transmitida por meio da fala, mas que posteriormente deveria ser transformada em ação ou comportamento. É nesse momento em que é constituída a ascese em si, a prática de exercícios por indivíduos que buscavam alcançar objetivos espirituais definidos, filosóficos ou religiosos. Esta ação ou comportamento, era testada em exercícios práticos que para os filósofos estoicos se dividiam em dois grupos: os *exercícios sobre o pensamento (meletân)* e os *exercícios em situação real (gumnazein)*.

Assim é possível verificar que o uso do termo já era muito antigo quando foi utilizado no mundo romano pelos discursos ascéticos cristãos, inclusive a sua conexão com a virtude. Musonius Rufus (25-95 d.C.) dizia que a aquisição da virtude implica duas coisas: um saber teórico (*epistéme theoretike*) e um saber prático (*epistéme praktiké*), este saber prático era exatamente adquirido pelo exercício (*askesis*)⁶. Ao ser apropriado pelos cristãos a ideia da virtude remetia a esses dois saberes, pois a leitura da bíblia, exigência contínua para aqueles que aspiravam por uma vida mais sacra, estava associado ao exercício prático e cotidiano de uma vida elevada, os trabalhos manuais, jejuns, orações, renúncias e outras atividades práticas eram formas de exercer os ensinamentos bíblicos e aperfeiçoar o próprio corpo, a partir do controle próprio. O exercício seria a palavra-chave para o entendimento do conceito aqui pretendido. Por mais que os usos do termo tenham se modificado um pouco, a ideia de exercícios de aperfeiçoamento, para um fim específico, não ficou para trás.

Desde os estoicos e os cínicos a figura do atleta (representação muito comum para o uso do termo ascese), era comumente associada à figura do sábio/filósofo.

⁶ FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 382.

Esteve muito presente no entendimento do “exercício para si”, para fins filosóficos, no mundo grego, helenístico e romano. Dessa forma, o filósofo, assim como o atleta, era também responsável pelos exercícios de renúncia própria para sua elevação espiritual. Variadas formas de ascetismo filosófico surgiram com a finalidade do aperfeiçoamento individual pela filosofia.

Posteriormente, com a apropriação do termo e da ideia, os cristãos tomaram por base as práticas dos filósofos e atletas antigos, juntando com os ensinamentos das Escrituras, puderam produzir novas práticas e exercícios que tinha intenção de aperfeiçoar a espiritualidade dos fiéis no âmbito religioso. Surge, então, a figura do “atleta cristão” que buscará o progresso em direção à santidade, o que requer superar-se a si mesmo, até o ponto de renunciar a si por inteiro. Para tal o seu principal inimigo, aquele cujo deve enfrentar como um lutador-guerreiro, é ele mesmo⁷, e os seus problemas internos.

As batalhas internas estavam associadas a várias áreas da vida como a luta contra a gula, contra o apego à materialidade e riquezas, etc., dessa forma o indivíduo praticava uma série de renúncias, mas a preocupação não estava apenas na prática, mas também nas intencionalidades dos indivíduos. Ressurge então no meio ascético a preocupação com a “sinceridade de propósito” dos ascetas, e com o “coração dividido” que apresentavam indivíduos que apenas praticavam as renúncias, mas não as internalizam. Desde o período primitivo da igreja o ideal religioso era a busca pelo “coração reto”, que estava intimamente ligado às esperanças de uma sociedade ideal. No entendimento dos cristãos o verdadeiro fiel deveria aprender a andar com uma sinceridade no coração.⁸

No pensamento cristão antigo uma das virtudes mais elevadas era a humildade, que deveria ser cultivado em toda a comunidade dos fiéis, principalmente pelos ascetas. Essa virtude estava, por sua vez, inserida no pensamento cristão, associado aos pobres e as suas atividades. Daí, apresentam alguns teóricos, que o cristianismo produziu e o enfeitou de características específicas, e de certa forma sagradas, a figura do pobre. Uma complexa literatura cristã, produziu todo um imaginário sobre esse indivíduo, o que acarretou na construção de inúmeras representações e práticas que estariam relacionados a essa figura.

⁷ Idem, Ibidem, p. 389.

⁸ BROWN, P. **Corpo e Sociedade**: O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. (Trad. Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

No mundo romano, os trabalhos reservados às classes dominantes estavam relacionados a administração política e econômica, como também as atividades de cunho cultural e educacional, atividades que não exigiam muito esforço físico, mas necessitava de grande habilidade intelectual e uma oratória admirável. Dessa forma, o campo de trabalho dos indivíduos menos favorecidos estava conectado às atividades manuais. Aos escravos, servos, artesãos, agricultores, etc. eram reservados os trabalhos de maior esforço físico. O discurso cristão passou então a associar o trabalho manual com os ideais de humildade, associando o pobre como um ideal de comportamento, mas não o pobre a qual entendemos, mas uma representação construída de um pobre modelo.

No pensamento dos Capadócius a ideia de trabalho manual é um importante elemento que compõe a vida de um asceta, pois esse seria um elemento revelador da humildade dos indivíduos. Tornou-se quase que sinônimo da vida ascética⁹. Ao longo de várias obras deles a expressão, ou a ideia, se fizeram presente, inclusive em *VSM*, onde Gregório tenta descrever as características da principal asceta, a virgem Macrina, mas essas características se apresentam nos personagens satélites.

Em vários momentos o autor apresenta as qualidades dos ascetas de sua família também, e a todos eles o autor revela a importância do trabalho manual. Fica implícito em seu discurso que este seria um exercício para o aperfeiçoamento dos indivíduos. No trecho que diretamente se refere ao irmão mais velho, o autor apresenta um certo salto qualitativo do caráter do personagem quando Macrina “o tomou pela mão”¹⁰ – veja-se aí o símbolo manual - o elevando pela “filosofia”, atraindo o irmão a escolher um estilo de vida mais simples. De acordo com a versão espanhola:

Ella advirtiendo que él estaba exageradamente engreído con sus conocimientos de oratoria, que (con soberbia) despreciaba todas las dignidades y que se sentía por encima de todos los notables en el gobierno de la provincia, le atrajo con tal rapidez al ideal de la filosofía que él renunció a la gloria mundana, despreció la admiración que podía recibir por su elocuencia, y se entregó a una vida de trabajo manual, buscando a través de una pobreza perfecta una vida libre para la virtud.¹¹

Nesse trecho o autor aparentemente põe em conflito a habilidade oratória e os trabalhos manuais. Os conhecimentos oratórios de Basílio, assim como sua bagagem de estudos, o transformaram em alguém envaidecido, orgulhoso. Com a intervenção de

⁹ DINAN, Andrew. op. cit.

¹⁰ De acordo com a versão portuguesa e inglesa.

¹¹ NISA, Gregorio. *Vida de Macrina; Elogio de Basilio*. Traducción de Lucas F. Mateo-Seco. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1995, 7, 1.

sua irmã e a sua mudança de vida se entrega a uma vida de trabalhos manuais e para uma “pobreza perfeita”¹², assim este seria livre para o aperfeiçoamento em direção à virtude. Dessa forma, os trabalhos manuais estariam contidos no processo de aperfeiçoamento dos ascetas. Não que Gregório estivesse condenando as habilidades retóricas, pois em vários outros momentos ele a destaca como um elemento louvável, mas o que talvez queira destacar é a importância da combinação “fala” e “ação”, a união destes dois elementos era muito louvada entre os cristãos da época. Para os ensinamentos deveriam associar a “palavra”, ensino e leitura, com o “exemplo”, práticas e exercícios.¹³

Outro personagem em que Gregório de Nissa aplica a ideia de abandono dos trabalhos retóricos e oratórios em direção do aperfeiçoamento pelos trabalhos manuais é Naucrácio, também irmão de Gregório. Assim como os demais homens de sua família¹⁴, ele também era habilidoso no falar: aos 22 anos¹⁵ se apresenta publicamente em um teatro, comovendo a todos¹⁶, o que era preciso além da habilidade, prestígio social, o que lhe era garantido pela família que pertencia. E movido por Deus, e não por Macrina¹⁷, ele decidiu abandonar “tudo que tinha em mãos”, ou seja, o seus trabalhos mundanos e carreiras que poderia seguir, para se retirar a uma vida de solidão e pobreza. Nesse retiro, de acordo com o texto, além de se afastar das preocupações cotidianas e viver uma vida reta, se dedicou a cuidar “com suas próprias mãos” de alguns idosos pobres e doentes que viviam próximos da floresta em que estava. O texto é claro em explicitar que este cuidado era feito com as próprias mãos, aliás é um dos momentos em que Gregório deixa bastante claro a sua concepção da importância dos trabalhos manuais para a ascese dos indivíduos.

“Dada su habilidad en todo género de caza, se dedicaba a ella (también a la pesca) y proporcionaba (con los animales cazado) alimento a los ancianos; con este ejercicio, además, **domaba su juventud** [...] Con estas dos cosas llevaba una vida recta. **Dominando la juventud con los trabajos** y con el cuidado en lo que concierne a su madre, observando los mandamientos divinos, se encaminaba derechamente hacia Dios.”¹⁸

¹² O ideal de pobreza é algo construído dentro dos discursos cristãos com intuito de ensinar os elementos de humildade a comunidade cristã. Eles se atribuem alguns elementos aos pobres associados a valores cultivados dentro do cristianismo, mas que nem sempre eram coerentes com o cotidiano das massas de necessitados. Essa representação dos pobres vai se tornando algo tão rico e sofisticado, que vai se impregnando no imaginário ocidental, ganhando associações, símbolos e tantos outros artifícios que ainda hoje se fazem presente em nossa sociedade.

¹³ Lembremo-nos dos constantes momentos em que este apresenta sua irmã como “exemplo” prático, mas também como este a apresenta esta educando aos outros com suas palavras.

¹⁴ É importante percebermos a questão dos gêneros nesse elemento. A mulher que fora designada ao lar não importa suas habilidades oratórias, seria até melhor que esta não as tivesse. A expressão oral era de direito do homem. Gregório como indivíduo inserido nesse contexto de relações de gênero deixa bastante claro isso. Dotando os seus personagens masculinos de grandes habilidades oratórias e às personagens femininas modelo lhes caracteriza por passivas e silentes, nunca tomando o direito de fala dos homens.

¹⁵ As versões portuguesa e inglesa afirmam que ele tinha 21 anos.

¹⁶ NISSA, Gregório de. op. cit., 8, 1.

¹⁷ É interessante notar que no caso de Naucrácio, Macrina não teve envolvimento na sua conversão a vida ascética. Ele é o único exemplo de renunciador da família que não é apresentado interferência da irmã mais velha. Ele também é o único dos ascetas da família que não se envolveu com o monacato, se caracterizando mais com um eremita. A ação da virgem parece conduzir os outros a vida monacal especificamente, e não apenas ao ascetismo.

¹⁸ NISSA, Gregorio. op. cit., 8, 2, grifo nosso.

A ideia de exercício, como uma forma de aperfeiçoamento do corpo, estava fortemente associada ao conceito de ascese, a elevação espiritual almejada por muitos cristãos antigos, fortemente aconselhada pelos escritores cristãos. Essa ascese se daria por meio do controle de si, o qual era preciso a prática contínua de exercícios específicos para cada caso. As atividades manuais eram uma dessas formas de exercícios, que educavam o indivíduo ao domínio de si, principalmente do orgulho e da vaidade, tornando-o mais humilde, caridoso e desligado das riquezas materiais, essas seriam as qualidades exigidas de um asceta. Com o domínio de si por meio dos trabalhos e a obediência a sua mãe Naucrácio caminhava diretamente para Deus, o que demonstra que pelo esforço próprio o asceta alcançava o divino. Talvez a ideia de aproximação do divino estivesse associada à ideia de mortificação da natureza carnal em busca de uma elevação espiritual, o qual por natureza se aproximava do divino, um ser espiritual.

Tanto na Representação de Basílio quanto de Naucrácio, Gregório destaca a intenção pela pobreza. A “pobreza perfecta” de Basílio, pela qual ele conseguiria alcançar a virtude,¹⁹ e o fato de Naucrácio ter se retirado para uma “vida de solidão e pobreza”²⁰, demonstram estar em sintonia com o pensamento cristão daquele contexto de valorização do ideal de pobreza construído pelos discursos cristãos. Embora, essas atividades e ações, fossem vistas por muitos, tanto cristão ou não, como incoerente com a posição social que eles pertenciam²¹, pois mesmo que se fizesse de pobres, nunca o seriam efetivamente.

No contexto romano da antiguidade tardia, a sociedade romana estava dividida, grosso modo, entre os *honestiores* e os *humiliores*²², representavam as classes mais abastadas e os grupos mais pobres, respectivamente. As distinções entre esses grupos não se limitavam apenas a condição econômica, mas a uma série de características culturais e comportamentais, que eram delimitadas nitidamente pelas classes dominantes, estes faziam questão de que as diferenças fossem evidenciadas²³. Essas distinções culturais não eram facilmente desvinculadas a partir de uma mudança de posição social, de ascensão ou declínio. Um indivíduo por ter adquirido melhores condições de vida, não significava a imediata aceitação pela comunidade, ou

¹⁹ NISSA, Gregório de. op. cit., 7, 1.

²⁰ Idem, ibidem, 8.2.

²¹ DINAN, Andrew. op. cit.

²² Dentre as várias nomenclaturas utilizadas para dividir as classes sociais no império romano, essas seriam as mais comuns entre os textos jurídicos da época. Essa divisão é muito simplista, pois dentro desses grupos existiam vários outros estratos.

²³ ZÉTOLA, B. M. **Pobreza, Caridade e Poder na antiguidade tardia**. Curitiba: Juruá, 2009.

assimilação de culturas específicas a cada estrato social, mesmo com intensiva educação, isso valia para o inverso também.

Na sociedade romana tardo-antiga a figura do pobre não tinha tanta representatividade social quanto ganharia com as influências do cristianismo. Estes eram indivíduos com certa carência de recursos financeiros²⁴ que na sua maioria dependiam de outros para sua proteção e sustento. Com o cristianismo foi construído um imaginário novo da pobreza, que passou a ser tida como uma virtude devidamente marcada pela humildade²⁵.

A construção da representação dos pobres, por conta dos bispos cristãos, está contida em um contexto político específico. O cristianismo vinha galgando espaço junto aos imperadores, que por sua vez, percebiam que a caridade cristã tinha igual ou maior eficiência do que a tradicional prática do evergetismo romano, uma prática romana antiga assistencialista que tinha por objetivo conseguir aumentar o campo de influência e atuação da elite, angariando por meio de auxílios, diretos e indiretos, uma grande clientela, aumentando o poder dos mais abastados. A construção da representação social do pobre servia, talvez, de legitimação da prática assistencialista cristã, que constantemente recebia incentivos monetários imperiais. Era interesse imperial o enfraquecimento das elites locais, com intuito de manter maior controle da população, pois na antiguidade tardia as elites tinham ganhado muito mais força que os imperadores, pois estes se encontravam quase que sempre dedicados em guerras ou em conflitos internos. Além do apoio imperial, os bispos conquistaram a simpatia dos mais pobres, maioria da população, agregando assim um maior número de fiéis.

Gregório em vários momentos apresenta o cuidado que sua família tinha sobre os mais pobres, a começar pelo tratamento de igualdade que Macrina e Emélia, sua mãe, tratavam as escravas, ou depois com o cuidado de Naucrácio aos idosos necessitados. Pedro, o irmão mais novo, é um dos mais significativos exemplos desse cuidado os mais pobres, afirmando que sua bondade atrai multidões que parecia transformar o deserto em uma cidade. Esse caráter “caritativo”, apesar de ser representado como uma virtude, servia como uma forma de agregar mais poder às famílias ricas do império.

²⁴ Não existia um padrão, ou qualquer forma de classificação, para determinar quais os recursos que um indivíduo deveria ter para ser considerado pobre ou rico o que torna difícil o traçado de um perfil do que era ser pobre naquele contexto. Existiam casos onde alguns que tinham até relativa renda, mas que se consideravam pobres. Os pobres poderiam ser os necessitados em condições miseráveis, mas também poderiam ser os ricos, menos ricos.

²⁵ Idem, *Ibidem*.

Em outro momento, num formato de diálogo com um militar, Gregório relata que Pedro teve o cuidado de servir a estes “com a próprias mãos”, mostrando o compromisso em ajudar era próprio dele e não de ordenar seus subordinados²⁶. No mesmo trecho que Gregório destaca para elogiar a vida do irmão caçula, ele fala que este fora criado por Macrina e que ela foi tudo para ele. De acordo com o autor, ele havia desprezado os estudos das “ciências profanas” e se dedicou a uma “vida angélica”. Tinha, também, dotes naturais para executar todo tipo de trabalhos manuais, que conseguia realizar com perfeição qualquer coisa que normalmente demoraria muito para alguém aprender. Com essa representação do irmão, o autor quer elogiar a vida prática e simples de Pedro, apresentando-o como mais um exemplo de conduta, mas também o defendendo como um grande bispo, que cuida dos necessitados de sua região²⁷.

Contudo, sem dúvida, o personagem que o autor mais enfatiza sua simplicidade, humildade de espírito, caridade e suas habilidades manuais é Macrina, apesar das riquezas da família herdada. Em toda a sua dissertação sobre a sua irmã ele sempre a apresenta como alguém verdadeiramente humilde e sem pretensões de orgulho, mesmo sendo de família abastada.

É importante deixar bem claro que os elogios que o biógrafo faz de sua irmã é cheio de idealizações e representações do ideal de conduta do feminino, baseado em influências da literatura filosófica greco-romana. Lembremos que este é um texto didático que objetivava o ensino das virgens consagradas e de convencer novas mulheres a aderirem ao movimento.

De acordo com o autor, depois que o patrimônio da família fora dividido entre os filhos²⁸, Macrina e Emélia se afastam das preocupações mundanas e se juntam a outras mulheres, formando um retiro nas proximidades de Anesi. Uma parte deste patrimônio foi utilizada para construir dois mosteiros nessa região, um masculino e outro feminino, e outra parte foi vendida para auxiliar os pobres²⁹. Não será possível precisar o quanto foi gasto, pois não há esta informação, segundo ele, Macrina não usufruiu do que herdou da divisão da propriedade, fazendo nos pensar que a parte foi usada para tais fins. Contudo, poderia ter sido usado a parte de Basílio e Pedro também.

²⁶ NISSA, Gregório de. op. cit., 38, 1.

²⁷ Pedro fora consagrado bispo de sebaste em 381, ano em que possivelmente Gregório escreveu *VSM*.

²⁸ NISSA, Gregório de. op. cit., 11, 1.

²⁹ ZIERER, Adriana. Vida de Macrina: santidade, virgindade e ascetismo feminino cristão na Ásia Menor do século IV. In: *Da ilha dos bem-aventurados a busca do santo Graal: uma outra viagem pela Idade Média*. São Luiz: Editora UEMA, 2013.

Dentre os principais poderes das mulheres naquele contexto é o das doadoras, patrocinadoras e fundadoras, na sua maioria herdada de sua família ou dos maridos³⁰. Os bens e as riquezas dessas mulheres era assunto de muitas cartas de bispos, os quais aconselhavam a elas se desfazerem para alcançar o ideal de humildade e pobreza. No trecho que Gregório evidencia essa atitude de sua irmã, afirma:

Mas quando chegaram à própria Macrina, ela não conservou nada das coisas que lhe foram atribuídas na divisão eqüitativa entre irmãos e irmãs, porém toda a sua parte foi entregue **aos homens da Igreja**³¹ de acordo com o mandamento divino. Além disso, sua vida tornou-se tal pelo auxílio divino que suas mãos nunca cessaram de trabalhar de acordo com o mandamento³²

Na leitura do trecho percebe-se que o destino das riquezas era aos homens da Igreja, ou seja, aos padres e sacerdotes, muitas vezes ligados a educação dessas mulheres. Pode ser devido a isso o surgimento de incontáveis cartas de bispos que tratavam de angariar mulheres com tal 'prestígio' para os seus cuidados. Mas não era apenas pelo dinheiro, pois muitas das mulheres eram membros de importantes famílias e por isso seria também uma forma de legitimação do poder do sacerdote. Não que esteja acusando de aproveitadores os autores das cartas (que em algumas vezes eram escritas por outras mulheres), ou que só tinham essa intenção ao convidar tais mulheres, mas que evidentemente esses eram os bônus de serem os supervisores delas, portanto seria, digamos, um efeito incentivador.

A renúncia das riquezas foi um fator decisivo para o desenvolvimento do cristianismo, principalmente do monasticismo, pois foi com as grandes ofertas dos doadores e das patrocinadoras que foi financiado a construção de novos mosteiros e igrejas ao longo do império. De acordo com Siqueira,

A economia eclesiástica fundava-se nas contribuições por meio de doações e de esmolas, mais do que qualquer outra atividade. As *clarissimae feminae* e os especuladores eram as principais fontes econômicas para a comunidade da Vrbs. As mulheres de boas famílias senatoriais eram fartamente exortadas a não gastar seu dinheiro com maquiagens, joias e luxuosos vestidos, antes deveriam preferir a vida eterna e para alcançá-la deve-se adotar um estilo de vida austero.³³

³⁰ ALEXANDRE, M. Do Anúncio do Reino à Igreja: Papeis, ministérios, poderes femininos. In: DUBY, G.; PERROT, M. (dir.). **História das Mulheres no Ocidente**, v. 1. Porto: Edições Afrontamento, 1990. p. 511-563.

³¹ NISSA, Gregório de. op. cit., 20, 3, grifo nosso.

³² Somente na versão portuguesa é escrito "homens da Igreja", em italiano, espanhol e inglês é usado "sacerdote", ou "padre", como também sugere a tradução de "priest".

³³ SIQUEIRA, Sílvia Alves Marcia. **A mulher na visão de Tertuliano, Jerônimo e Agostinho séc. II – V d. C.** Tese (doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista - UNESP - Assis, 2004. p. 3

Na Ásia Menor a participação da família de Macrina é fundamental, pois tinham muitas posses, e que fomentou a construção de pelo menos dois mosteiros. Suas riquezas eram fruto de um contexto peculiar aos demais. A Antiguidade tardia produziu uma elite muito mais rica do que aquela do início do período imperial, devido às várias crises no império, produzindo um escol mais autônomo do poder imperial, os quais aumentavam o poder pela aglomeração de pessoas ao seu redor, que buscavam proteção e ajudas, tornando-se seus protegidos. Dessa forma famílias como a de Gregório exerceram importante influência sobre as várias outras que, de alguma forma, dependiam delas, isso é o que torna a família de Gregório tão influente na região da Capadócia. Dessa forma a ação eclesiástica de membros dessa família foi bem sucedida.

Com intuito de evidenciar a humildade da sua irmã o autor, assim como nos outros personagens acima mencionados, ele apresenta suas habilidades manuais. Desde a infância da personagem é apresentado seus dotes e suas habilidades quanto ao trabalho manual, normalmente ligado ao trabalho feminino, como o trabalho com a lã. As habilidades do lar de Macrina são apresentadas de forma indireta: em nenhum momento específico Gregório expõe que sua irmã é uma boa dona de casa, mas vai ao longo do texto apresentando suas qualidades de “mulher do lar”, com habilidades específicas das esposas, como quando esta decide nunca se apartar da mãe e cuidar do corpo dela, mas o que chama atenção é a ênfase que Gregório atribui ao cuidado que Macrina tem de produzir o alimento, o pão, com as “próprias mãos”.

As mãos de Macrina aparentam ser um elemento especial, sagrado ou mesmo divino. A expressão “com suas próprias mãos”³⁴ está associada com um dos ensinamentos paulinos - o qual exorta que estes deveriam viver comportadamente e tratem de trabalhar com suas próprias mãos para se mostrarem honestos e não passem por necessidades - e que se repete na representação de Macrina. É perceptível que o autor tem a intenção de dar ênfase a ideia de que as mãos de sua irmã são sagradas/consagradas, pois nos dois momentos em que expressão surge, um elemento sagrado está associado. No primeiro caso o autor destaca:

Muchas veces incluso preparaba con sus propias manos el pan para la madre. Esto, sin embargo, no constituía su ocupación principal; solo después de haber consagrado sus manos al servicio divino, en el tiempo restante, con su propio esfuerzo, ella preparaba el alimento para su madre, estimando que esta ocupación convenía a su género de vida.³⁵

dos elementos simbólicos mais significativos para o cristianismo. Este não só representa o alimento físico, natural, como o alimento espiritual, em algumas

³⁴ O grego para a expressão é *tais idiais chersi*.

³⁵ NISSA, Gregório de. op. cit., 5, 3.

alegorias O destaque do autor é bastante intrigante, é quando ele mostra que a personagem principal fazia questão de produzir o pão/alimento para sua mãe, pois julgava ser uma atitude conveniente a seu estilo de vida (ascético). O pão é um cristão, inclusive nos textos bíblicos. Este símbolo de alimento é associado à vida, corpórea ou espiritual. Sem ele não se pode viver. Quando o autor trata de que sua irmã está interessada na produção do pão de sua mãe, ele intenta dizer que esta quer cuidar da vida de sua mãe. Ser responsável por ela. Não somente a vida natural, mas a espiritual principalmente.

Mesmo depois de ter consagrado suas mãos para o serviço divino, Macrina, de acordo com o irmão, busca continuar a fazer os pães para sua mãe. O elemento da consagração das mãos da personagem mostra certa santificação das mãos, depois com o julgamento desta de que o trabalho manual de produção dos pães era algo coerente com a sua vida consagrada, demonstra uma associação entre a sacralização de não somente das mãos dela, mas de toda a sua pessoa, e isso é em parte fruto dos trabalhos manuais e do trabalho de produção artesanal dos pães. Lembrando a constante associação que o autor faz dos trabalhos manuais com elevação espiritual do indivíduo.

De acordo com Mateo-Seco, alguns autores e tradutores tratam desse trecho como se este fosse uma confirmação da participação de Macrina nos trabalhos litúrgicos. Ele afirma que J. Danielou se apoia nessa passagem para testificar que ela exercia a função de diaconisa, produzindo o pão da Eucaristia. Mas nesse assunto ele tende a concordar mais, assim como em vários outros tópicos, com a posição de Pierre Maraval, que acha difícil essa ideia de um possível diaconato de Macrina. Apesar de muito coerente à posição de Danielou, acredito que seja uma evidência muito diminuta. A ideia de consagração das mãos poderia significar várias outras atividades, mas que evidentemente é um demonstrativo da distinção dela e uma atuação decisiva ao serviço divino.

Em outro momento a expressão ressurgiu, nesse caso, é incontestável a sacralização das mãos de Macrina, pois são descrições dos dois milagres, realizados por ela, relatados na biografia. O primeiro é bastante didático, descrito por Gregório em forma de um diálogo que este tem com Vestiana, a qual apresenta a ele uma marca no peito da santa, sobre isso ele comenta:

Pois ali cresceu uma vez uma doença cruel, e havia perigo que o tumor exigisse uma operação ou que a enfermidade se tornasse incurável, se ela se espalhasse para próximo do coração. Sua mãe implorava-lhe freqüentemente e pedia-lhe que recebesse a atenção de um médico, uma vez que a arte médica, ela [992B] disse, havia sido enviada por Deus para salvar os homens. Mas ela julgava pior do que a dor descobrir qualquer parte de seu corpo aos olhos de um estranho.

Então, quando a noite chegou, depois de cuidar de sua mãe como sempre, ela foi para o santuário e suplicou por toda a noite a Deus a cura. Uma torrente de lágrimas caiu de seus olhos no chão, e ela utilizou a lama feita de suas lágrimas como um remédio para sua doença. Quando sua mãe sentiu-se desanimada e outra vez insistiu que ela permitisse que o médico viesse, ela disse que seria suficiente para a cura de sua doença se sua mãe fizesse o sinal sagrado no local **com sua própria mão**. Mas quando a mãe colocou sua mão em seu seio para fazer o sinal da cruz, o sinal agiu e o tumor desapareceu. “Mas isto”, ela disse, “é um minúsculo traço da marca; apareceu no local da terrível [992C] chaga e permaneceu até o final o que poderia ser, como imagino, uma memória da visita divina, uma ocasião e lembrança da perpétua ação da graça de Deus.”³⁶

O interessante dessa passagem está na motivação a qual levou Macrina a procurar o milagre, pois que não queria expor nenhuma parte de seu corpo a um estranho, mesmo um médico³⁷. Apesar do mal-estar incomodando muito a santa, preferiu este do que permitir que um homem, provavelmente, toque ou mesmo veja uma parte do corpo tão íntima como esta. A fim de eliminar o tumor mamário, repete a ação de Cristo, ao juntar com a terra algum líquido expelido pelo corpo - enquanto ele usa a saliva, ela utiliza as lágrimas³⁸ - para produzir uma lama com poderes de cura. Essa é, claramente, uma forma de equiparação de sua irmã a Cristo, uma demonstração da santidade dela. Nesse caso, o uso das mãos é para sinalizar com símbolo da cruz o local, como uma forma de consagração da lama que pôs em seu peito, para que esta tivesse alguma ação milagrosa. A expressão nesse caso está ligado a um milagre, algo que mais que testifica, no imaginário cristão, a santidade de um indivíduo.

Pelo menos cinco membros da família de Gregório (Emélia, Macrina, Basílio, Naucrácio e Pedro) abraçaram a vida ascética. É interessante que em cada caso o autor fala dos trabalhos manuais com termos similares, sempre com a mesma forma da palavra grega *cheir* (mão) e frequentemente relaciona com a palavra *ergon* (trabalho). Além da possível associação com a exortação de Paulo aos Tessalonicenses, Dinan acredita que essa linguagem também envolve a descrição do ascetismo egípcio, onde os trabalhos manuais eram uma proeminente parte da vida dos padres do deserto. De fato, a expressão “com as próprias mãos” parece ter se tornado uma expressão relacionada à vida ascética.³⁹ Dessa forma, se torna evidente que a intenção do autor na representação de Macrina é torná-la um paradigma da vida monástica.

³⁶ NISSA, Gregório de. op. cit., 31, 2.

³⁷ O qual parece, numa leitura nossa, que Gregório tenta tomar os devidos cuidados de não considerar uma profissão inútil. A posição de Emélia é como se fosse uma forma de mostrar que tais profissionais, não só são importantes, mas são divinamente conduzidos para salvar os homens, para não desagradar algum desses homens.

³⁸ Até nesses elementos pode se perceber a questão genérica, pois a saliva vem da boca, e ao homem (Cristo) é o poder da fala, e a mulher (Macrina) o dever da observação, daí as lágrimas. As lágrimas são um elemento efetivamente feminino, principalmente para o pensamento exposto em VSM pelo Nissen. Pois em vários momentos ele associa às mulheres o choro e o pranto. Por mais que Macrina fosse superior ao seu sexo, esta ainda estava suscetível às vicissitudes de seu gênero.

³⁹ DINAN, Andrew. op. cit. p. 141

Considerações Finais

Os trabalhos manuais e a humildade são elementos essenciais à comunidade monástica. As intenções de Gregório em toda sua apresentação dessas expressões é a disciplina das virgens consagradas que se enclausuravam nos mosteiros para que estas mantivessem viva a prática dos trabalhos manuais, como uma forma de elevação espiritual. Daí a necessidade de construção de representações composta de associações com elementos, a sacralização das mãos e da pobreza a fim de se estabelecer como uma forma de educação dessas virgens sobre o comportamento delas está na representação que o Nissenso faz das mulheres membros da comunidade de Anesi. Esses ideais até os dias atuais se perduram nas comunidades cristãs, com representações ainda presente, com muitas ressignificações, mas muito presentes.

A constante representação dos personagens associados às práticas de trabalhos manuais tem além da intenção de intensificar o valor do caráter deles, a partir da exaltação da virtude da humildade, mas também era uma reverberação de elementos filosóficos e retóricos do próprio texto, fruto de uma época. A humildade não era uma virtude exclusivamente apreciada pelos cristãos estava presente na cultura romana, e se intensifica em algumas correntes filosóficas que em suas explanações tinham o interesse de aperfeiçoar os filósofos, uma ascese filosófica, desenvolvida fora do meio cristão e anterior a esse grupo religioso. Com esses ideais, estes filósofos desenvolveram modelos textuais que traziam quase que obrigatoriamente esses elementos. Deve se saber que na antiguidade os textos eram escritos com modelos previamente moldados e que as narrativas tinham que se conformar a esses moldes.

Ao analisarmos o contexto romano de forma mais ampla, e não nos fechando ao nosso objeto, percebemos que as virtudes ditas cristãs por muito eram frutos de anseios sociais muito mais antigos que a própria religião. Em outras palavras, já eram virtudes antes de serem cristãs. Dessa forma o louvor as virtudes como o da humildade produzida pelas práticas dos trabalhos manuais, não era uma exclusividade da religião cristã, mas era um elemento social da sociedade romana.

A discussão sobre o fenômeno social da ascese, incluindo as práticas de trabalhos manuais, é imensuravelmente longa. Este artigo de forma alguma se propõe a esgotá-la. Talvez a intensão dessas considerações iniciais sobre o tema, esse artigo não passa disso, é de incluir mais um personagem feminino numa discussão mais ampla sobre a representação de santos pela Igreja. As associações

de práticas e representações a estes indivíduos é de grande importância para os historiadores, pois elas podem revelar valores sociais destes elementos para a sociedade de uma época, é demonstrativo dos interesses dos antigos. A relação dessas práticas com as representações de santos e ascetas é estudada por tantos outros, mas teríamos a sensação de dever cumprido, se nossa exposição sobre a biografia Vida de Santa Macrina motivasse a outros a dar atenção a essa obra e continuar a sua análise e discussão.